**Caros Educadores do século XXI,**

Eu não me lembro exatamente quando eu fiz a seguinte afirmação, que foi repetida por impresso muito após minha morte:

*Para a mente ingênua, revolução e história parecem incompatíveis. Ela acredita que o desenvolvimento histórico continua enquanto ele segue uma linha reta. Quando vem uma mudança, uma quebra no tecido histórico, um salto – então essa mente ingênua vê apenas a catástrofe, uma queda, uma ruptura; para a mente ingênua a história termina até retornar novamente reta e estreita. A mente científica, por outro lado, vê a revolução como a locomotiva da história indo adiante em velocidade máxima; ela considera a época revolucionária como uma incorporação tangível, viva, da história. Uma revolução resolve apenas aquelas tarefas que foram levantadas pela história; essa proposição é verdadeira igualmente para a revolução em geral e para aspectos da vida social e cultural. (Citado em Levitin, 1982, contracapa)*

Durante minha curta vida de 38 anos, a locomotiva da história estava viajando em velocidade máxima. Os Bolcheviques tomaram o poder em 1917 e havia tanto a fazer para apoiar a Revolução e para transformar a cultura, apoiar pessoas a se desenvolver e aprender, e criar uma psicologia verdadeiramente Marxista. Embora eu não soubesse como fazê-lo (não era sabível; era apenas criável), eu sabia que requereria uma nova concepção de ciência, de método, e de seres humanos. Eu fiz o que pude, com meus dedicados colegas. E então eu morri.

Olhando para onde chegamos em 2012, eu vejo o quão ingênuo eu fui. Sim, eu estava ciente, na última década de minha vida, de como a política e a ideologia contaminaram a ciência e a educação em meu país. Mas eu nunca sonhei que na América capitalista a educação se tornaria total e completamente politizada. Que a criação de novas compreensões e novas formas de práticas de aprendizado e desenvolvimento – algumas delas feitas em meu nome – teria tão pouco impacto em como as escolas funcionam.

Parece que eu estava certo sobre a revolução resolver essas tarefas levantadas pela história. Mas eu me enganei ao pôr minha fé na ciência. Eu não previ no que a ciência se tornaria – uma adoração religiosa ao particular a-histórico e acultural. Eu aplaudo aqueles de vocês que afirmam o poder filosófico e político da socialidade ontológica dos seres humanos. Que insistem que a criatividade e alegria da unidade dialética aprendizado-desenvolvimento da primeira infância é um direito humano em toda e qualquer idade. E que reconhecem que essa tarefa histórica não pode ser resolvida pela ciência “sozinha”, porque é uma tarefa cultural e política. Eu os desejo o melhor.

Lev Vigotski